

HEZBOLLAH: SURGIMENTO, CONFLITOS E ATUAÇÃO TRANSNACIONAL DO GRUPO LIBANÊS

Lucas Esteves de Meireles¹

Introdução

A República do Líbano é um país localizado no Oriente Médio ao extremo leste do Mar Mediterrâneo. Faz fronteira ao norte e ao leste com a Síria, e ao sul com Israel. O Líbano foi o local de origens dos fenícios, famosa civilização de hábeis navegadores datada de três mil anos antes de Cristo. Logo após a Primeira Guerra Mundial, o território foi marcado pelo Tratado de Sykes-Picot, que dividiu todo o Oriente Médio em zonas de poder controladas por países europeus, em especial o Líbano que ficou sob a supervisão dos franceses (COSTA, 2004).

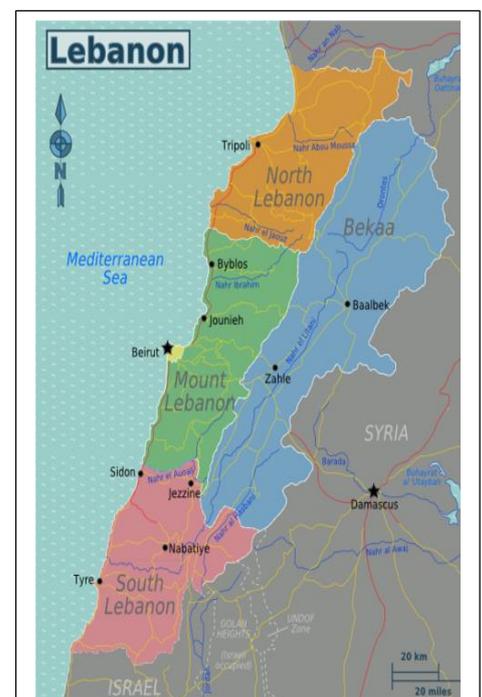
Em 1943, o país conquistou a independência após manifestações e a realização do Pacto Nacional, com o apoio da Síria e dos britânicos. A partir desse momento, um governo nacional foi criado para atender as demandas da população por um Estado sem o controle de estrangeiros. Aos poucos, o governo francês transferiu toda a administração para o novo governo libanês, entretanto, a França manteve tropas naquele território durante a Segunda Guerra Mundial, retirando-as apenas no ano de 1946 (ECKER, 2018).

O Líbano é o país com a maior diversidade religiosa de todo o Oriente Médio, o que levou a criação do sistema único chamado de confessionalismo, ou multiconfessional, em 1943, como forma de dividir o poder entre todos os grupos religiosos depois da independência do país, ou seja, o acordo realizado entre os cristãos e muçulmanos visava ocupar os cargos políticos com os representantes de cada comunidade religiosa de acordo com o tamanho de cada uma delas que era apontado nos censos populacionais (ECKER, 2018).

Mas, mesmo com esse modelo de divisão de poder, alguns grupos ainda estavam pouco representados, principalmente os xiitas que residiam em sua maioria no sul do país e que não recebiam o devido apoio do governo (VIEIRA, 2019).

Devido a uma onda de invasões no sul do Líbano por Israel e também pela falta de auxílio do governo para a população xiita surgiu o Hezbollah, grupo político e militar de origem islâmica xiita, o qual obteve rápida ascensão no país por conta do lapso de poder do governo em certas regiões, tornando-se um ator não estatal poderoso. O Hezbollah tinha como principais objetivos transformar o Líbano em uma teocracia baseada nos preceitos

do islamismo xiita e extinguir o Estado de Israel, e conseguiu crescer rapidamente devido a ajuda da Síria e do Irã (VIEIRA, 2019).



Mapa do Líbano. Autor: Globe-trotter. Baseado em Perry-Castañeda Library Map Collection - University of Texas Library Online. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lebanon_region_map.png

O texto apresenta os aspectos da criação do Hezbollah, sua ligação com a população libanesa, sua presença na hierarquia política e suas participações nos conflitos dentro e fora do território libanês, mostrando

sua forte posição como ator não estatal no Oriente Médio. A abordagem do Hezbollah será feita desde o início da independência do Líbano, trazendo alguns pontos como: os conflitos gerados na região em oposição à Israel; como e quais apoios esse grupo teve para conseguir se fortalecer; e fatores atuais como seu envolvimento na guerra civil da Síria.

Independência e Conflitos

Posterior ao Pacto Nacional, o país teve um momento de calma em seu território. O foco inicial foi consolidar o novo governo independente e resolver as insatisfações internas por parte dos xiitas, os quais alegavam não serem bem representados, visto que existiam mais políticos cristãos do que muçulmanos ocupando os cargos importantes do país (COSTA, 2004).

Líbano para os judeus. Diante desse novo contexto no mundo árabe diversos palestinos que residiam no agora Estado de Israel foram expulsos ou fugiram. Uma parcela se deslocou para o sul do Líbano como refugiados o que mais tarde seria um dos principais fatores que suscitaram o nascimento do Hezbollah (UNITED STATES OF AMERICA, 2017).

É importante ressaltar também que parte dos palestinos que se abrigaram no sul do Líbano viviam em campos de refugiados, sem qualquer tipo de amparo governamental e atingindo a linha da miséria (VIEIRA, 2019), visto que a própria população libanesa estava insatisfeita com o governo por permitir a entrada desses imigrantes e refugiados no país. O governo libanês estava em uma situação delicada na área econômica, tais como gastos na infraestrutura e segurança visto que muitos imigrantes, sem condições

libaneses poderia acarretar futuramente na mudança do censo populacional, já que os palestinos eram religiosos da vertente muçulmana sunita, enquanto que os libaneses era em boa parte cristãos maronitas (VIEIRA, 2019). As constantes tensões na região do Oriente Médio, principalmente envolvendo o recém-criado país, Israel, continuaram e, em 1967, Israel, Síria, Egito e a Jordânia iniciaram um conflito armado que foi chamado de ‘Guerra dos Seis Dias’, tendo como vitoriosos os israelenses (NOUREDDINE, 2017 *apud* ECKER, 2018). A derrota do Egito, Síria e Jordânia afetou o Líbano duramente, pois com o fim da guerra, alguns grupos paramilitares compostos por refugiados contrários a Israel foram formados dentro do território libanês, como a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), o *Afwaj al Muqawamah al Lubnaniyyah* (AMAL), que significa Destacamento de Resistência Libanesa e cuja sigla quer dizer ‘esperança’, o Hezbollah, dentre outros (COSTA, 2006 *apud* ECKER, 2018; COSTA, 2004). A presença desses grupos desestabilizou lentamente o governo que, em conjunto com a negligência do Estado nos campos de refugiados, deu espaço para que um dos grupos, a OPL, criada em 1964, assumisse o controle da área sul do país. Yasser Arafat, fundador da OLP, iniciou seu plano de ataque para a retomada do território palestino em 1968, que incluía uma série de incursões contra Israel, fato que aumentou os conflitos com os xiitas (NOUREDDINE, 2017 *apud* ECKER, 2018).

Guerra Civil

O quadro interno no Líbano foi ficando cada vez mais complexo. Em 1975, um ônibus com palestinos foi



Soldados do Hezbollah em uma cerimônia. Autor: Khamenei.ir.
<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hezzzbollah.jpg>

No início de março de 1945, o Líbano entrou para a Liga Árabe, ficando expresso no acordo realizado o dever de lutar contra os inimigos e ameaças estrangeiras que viessem a interferir nos países árabes (COSTA, 2004). No entanto, em 1947, foi formado o Estado de Israel, quando a ONU compartilhou uma parcela do território próximo ao

financeiras, criaram moradias improvisadas, usufruíam de energia e água sem necessariamente contribuir para o governo. Os refugiados, visando uma melhora econômica e social iniciaram o processo da solicitação da cidadania libanesa (NOUREDDINE, 2017 *apud* ECKER, 2018). Desse modo, o aumento dos novos ‘cidadãos’

explodido por cristãos em Beirute, ação que gerou o início da guerra civil no país (COSTA, 2004).

A escalada dos confrontos deu início a formação de uma variedade de organizações, como o Hezbollah, que preenchiam o lapso de poder que o governo não exercia nas zonas que foram fragmentadas, fornecendo para a população desses locais alimentos, escolas e acesso à saúde (ECKER, 2018). Apesar disso, o governo ainda mantinha o poder central nas mãos dos maronitas, os quais já não prestavam o devido apoio as comunidades muçulmanas. Isso favoreceu o estabelecimento do AMAL, o primeiro grupo que surgiu no contexto da guerra civil de 1975, liderado por Musal al-Sadr (COSTA, 2004).

Quase de maneira simultânea, os maronitas que controlavam o governo montaram a Frente Libanesa, um grupo de direita que organizou a milícia maronita para assegurar que a distribuição do poder permanecesse como estava. Na oposição se encontravam aqueles que de alguma forma se sentiam menosprezados ou não muito bem representados no governo, entre eles o Movimento Nacional Libanês (MNL), comandado por Kamal Jumblatt, um druso que também era participante do Partido Socialista Progressista (PSP), que uniu os paramilitares sunitas, grupos da esquerda libanesa em conjunto dos palestinos que lutavam pela Frente Popular pela Libertação da Palestina-Comando Geral, criada pelo palestino cristão George Habash que utilizava o nacionalismo árabe com a ideologia marxista-leninista (DAHER, 2016 *apud* VIEIRA, 2019; IBRAHIM, 2015). Durante a guerra, a vitória estava muito próxima para Jumblatt, quando o Presidente libanês decidiu mudar sua estratégia ao solicitar o apoio sírio no conflito, que rapidamente enviou seu exército para intervir na guerra (COSTA,

2004). Isso porque o próprio Presidente sírio, Hafez Assad, temia que a OLP pudesse tomar o controle do Líbano, derrubando assim o plano sírio de formar a ‘Grande Síria’, composta por Líbano, Palestina e Transjordânia (GATTAZ, 2002 *apud* VIEIRA, 2019).

Com a chegada das tropas sírias em solo libanês, o governo maronita esperava que os conflitos cessassem, mas isso não aconteceu. Em 1978, como Israel continuava sendo atacado pela OLP em sua fronteira norte, colocou em prática a Operação Litani, que consistiu em ataques as bases da OLP localizadas no sul do Líbano na tentativa de enfraquecer a organização (COSTA, 2004). A decisão de atacar foi repudiada pela comunidade internacional, pois a operação causou muitas baixas civis, afetou a infraestrutura do Líbano e fez milhares de civis fugirem para o norte do Líbano, principalmente para a capital Beirute (KARAM, 2010). A ONU interveio após a invasão de Israel e aprovou a Resolução nº 425, demandando a retirada imediata do exército israelense do solo libanês. Para acompanhar a retirada foi formada a força de paz *United Nation Interim Force in Lebanon* (UNIFIL) (VIEIRA, 2019).

A luta entre Israel e os palestinos da OLP se agravou e Israel avançou sobre o território libanês se dirigindo diretamente para a capital Beirute com o intuito de expulsar a Organização e seu líder Yasser Arafat, por meio da denominada Operação de Paz da Galileia, realizada em 1982. Arafat concordou com a rendição e retirou as tropas da OLP do Líbano que foram realocadas na Tunísia.

As ações realizadas por Israel no Líbano causaram desapontamento internacional o que fez o exército israelense recuar. No entanto, suas forças militares delimitaram uma faixa de segurança no Líbano totalizada em 10% do território sul do país, sendo vigiada pela milícia cristã denominada de *South Lebanon Army* (SLA), financiada por Israel (COSTA, 2004).

O Partido de Deus

No desenvolvimento da guerra civil, que parecia não ter fim, um novo ator não estatal surgiu, o Hezbollah ou Hizb Allah, que significa “Partido de Deus”, o qual recebeu apoio da Síria e do Irã, ambos representantes do islamismo xiita, principalmente o segundo, por ser o único país totalmente xiita no mundo (VIEIRA, 2019; KARAM, 2010).



Membros da OLP em Trípoli, norte do Líbano em 1969. Autor: Nidal Sabi
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:%D9%85%D9%83%D8%AA%D8%A8_%D8%A7%D9%84%D8%B2%D9%87%D8%B1%D9%8A%D8%A9.jpg

O início oficial do Hezbollah é datado de 1985 com a publicação da ‘Carta Aberta’ contendo suas diretrizes e princípios, deixando claro suas políticas, objetivos e religião como um grupo militar da resistência islâmica (KARAM, 2010). O novo grupo tinha como foco a luta pela soberania libanesa, cujo único problema eram os israelenses. Seu primeiro passo foi alocar no sul do país bases e campos de treinamento onde a OLP estava alojada antes de se render (VIEIRA, 2019). O avanço do Hezbollah como organização militar foi muito rápido. Em sua ascensão, o grupo absorveu muito do Irã que serviu de modelo ideológico, enquanto que a Síria via no partido um meio de minar a influência de Israel. Tanto o Irã quanto a Síria viam no Hezbollah a resposta para solucionar os problemas relacionados ao Estado de Israel e a possibilidade da futura expansão do islamismo xiita para os outros países árabes (VIEIRA, 2019).

Nesse novo contexto, agora envolvendo o Hezbollah, os conflitos no Líbano continuaram até o ano de 1990 quando se iniciaram as negociações para pôr fim aos 15 anos de guerra civil. Foi estabelecido o Acordo de Taif, deixando claro um cessar-fogo no momento em que Israel retirasse suas forças do território libanês, juntamente das tropas sírias e o desarmamento de todas as milícias (COSTA, 2004). No entanto, o acordo não saiu como deveria, as forças sírias e israelenses permaneceram no Líbano e o Hezbollah não se desarmou. O único passo positivo para o Líbano foi na área da representatividade muçulmana que aumentou no governo, possibilitando ao Hezbollah se tornar um partido político oficial. Assim, o grupo passou a ter duas alas, uma militar, que representava a resistência do povo libanês, e a outra no âmbito

político que tinha o objetivo de restaurar o território, a economia e a infraestrutura do país após anos de guerra e destruição (COSTA, 2004).

fator é que o Hezbollah conseguiu sua posição atual devido à grande ajuda vinda da Síria e do Irã, como armas e dinheiro.



Tanques israelenses esperam para entrar no Líbano em 2006. Autor: Cavaleiro Sultão/ IDF Spokesperson's Unit https://commons.wikimedia.org/wiki/File:2006_Lebanon_War_CVII.jpg

No final de 1999, os constantes embates entre as forças israelenses e a parte militar do Hezbollah já deixava claro que Israel não deixaria de lutar enquanto não expulsasse o grupo do território libanês. Com o aumento do apoio dos muçulmanos xiitas, treinamento de tropas, fornecimento de armas e de fundos na maior parte vindos do Irã, o Hezbollah se tornou o maior grupo dentro do Líbano. Aos poucos, Israel estava perdendo o espaço dominado na parte sul do Líbano e a milícia contratada *South Lebanon Army* (SLA) não conseguia mais formar o cordão de proteção na zona de segurança criada anteriormente, deixando desprotegido o exército de Israel, que se retirou daquela região em 2000 (COSTA, 2004).

Três principais fatores auxiliaram o Hezbollah a continuar existindo e crescendo, e dificultaram qualquer tentativa de retirada do seu poder político, territorial ou de combate por parte de Israel ou por outros grupos paramilitares. O primeiro

Em segundo lugar, as boas relações criadas com os libaneses através do fornecimento de serviços públicos básicos, tais como a construção ou reforma de escolas, hospitais, supermercados, sistema de água e esgoto, dentre outros. E por fim, a lacuna do governo nas áreas sem infraestrutura, como também a falta de preocupação com a população muçulmana, acarretaram na ação de um agente que pudesse mitigar suas necessidades e representá-los (LANDER, 2010 *apud* VIEIRA, 2019).

No ano de 2005 as únicas forças estrangeiras restantes no território libanês eram as sírias. Com a morte do Presidente sírio Hafez al-Assad em 2002, a presidência passou para seu filho Bashar al-Assad, o qual não tinha grande prestígio ou influência com o Hezbollah. Aproveitando-se dessa ocasião, o Primeiro-Ministro libanês Rafik Hariri desenvolveu um plano que excluía a participação da Síria, o que gerou tensões entre os dois países. O Primeiro-Ministro

Hariri pediu apoio para a ONU que aprovou a Resolução 1559, deixando expressa a obrigatoriedade da retirada de qualquer tropa estrangeira de solo libanês (COSTA, 2006 *apud* ECKER, 2018). Percebendo que estava perdendo a influência, o governo sírio tentou reconquistá-la. Entretanto, o Ministro Hariri acabou sendo morto em um atentado, causando uma enorme frenesi na população que demandava a retirada das forças sírias do país. O Presidente Bashar al-Assad com medo de perder ainda mais sua influência no país, iniciou a remoção gradual de suas tropas (ECKER, 2018).

Guerra de 2006

A guerra de julho de 2006 entre Israel e o Hezbollah teve início quando o grupo sequestrou alguns soldados israelenses que faziam uma patrulha na fronteira com o Líbano em resposta ao sequestro de civis feita por forças israelenses na tentativa de provocar um ataque. O Primeiro-Ministro Ehud Olmert, considerou a ação do partido xiita como uma afronta ao país, classificou o ato como terrorista e iniciou ataques contra o Hezbollah e suas bases próximas da fronteira norte de Israel. Essa guerra foi entre um Estado e um ator não estatal no qual as forças libanesas em si não participaram (ECKER, 2018).

Diante o novo conflito, o Hezbollah efetuou um ataque que matou oito israelenses das Forças de Defesa de Israel (FDI), que responderam utilizando bombardeiros F-15 e bloqueando rotas marítimas e terrestres. A maioria dos ataques foi concentrado nas bases do Hezbollah ao sul do Líbano, como também infiltrações ocasionais em localidades mais profundas no território libanês (ISRAEL, 2009 *apud* VIEIRA, 2019).

A forma como o Hezbollah agiu diante de uma força armada moderna foi inovadora, suas tropas eram bem treinadas e tinham disciplina, como também o uso de táticas de guerrilha em conjunto da tecnologia disponível deu ao grupo uma vantagem estratégica durante os combates (HOFFMAN, 2007 *apud* VIEIRA, 2019).

A guerra entre Israel e Hezbollah durou 33 dias e acabou quando o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) aprovou a Resolução 1.701, em agosto de 2006, a qual requisitou o cessar-fogo e delimitou um perímetro de segurança no sul do Líbano na qual apenas o governo libanês e os militares da UNIFIL poderiam portar armas (DEEK, 2012).

infraestrutura do país (ISRAEL, 2009 *apud* VIEIRA, 2019).

Outro fato importante sobre o conflito travado entre Hezbollah e Israel é que o Partido de Deus foi considerado um ator não estatal mas também partido político libanês. A dificuldade foi de estabelecer um parâmetro de aplicações de leis sob o Hezbollah, causando certa incapacidade de Organizações Internacionais no momento de realizar medidas punitivas e sanções contra o grupo (VIEIRA, 2019). Durante a Guerra de 2006, o grupo foi capaz de gerar insegurança e enfrentar diretamente o Estado de Israel em territórios da fronteira e em algumas áreas urbanas no norte de Israel que não conseguiu destruir a resistência militar do Hezbollah.



Destruição de casas e prédios após ataque aéreo e de artilharia no Líbano em 2006. Autor: Hamed Talebi.
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Israeli_air_and_artillery_attacks,_Beirut_\(211924\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Israeli_air_and_artillery_attacks,_Beirut_(211924).jpg)

O resultado final da guerra foi a marca de quatro mil mísseis usados pelo Hezbollah que atingiram grandes centros e mataram 44 civis e feriram outros 600, em Israel, a morte de 120 soldados israelenses e 450 feridos. Em comparação, Israel contava com 10 mil soldados na ativa e realizou mais de 120 mil ataques de artilharia e em torno de 18.800 mil incursões no território libanês. Foram mortos 600 soldados do Hezbollah e um incontável número de civis, visto que a maioria dos ataques eram focados na

O Líbano teve vários danos na infraestrutura mas Israel, além de sofrer danos estruturais, foi incapaz de vencer a milícia do Partido de Deus gerando a sensação de vitória para os xiitas (VIEIRA, 2019).

A Guerra na Síria

A Síria passa por uma guerra civil que já dura 10 anos e está muito longe do fim, devido ao contexto militar e político em que o conflito está inserido. A guerra começou quando a população síria protestava contra a corrupção, a falta de

trabalhos e também contra o regime de Bashar al-Assad (BBC NEWS BRASIL, 2021). Os protestos ocorreram primeiramente na cidade de Daraa, ao sul da Síria, quando crianças escreveram frases contra o governo de Assad e foram presas por militares o que causou grande descontentamento na população que tomou as ruas. Muitos cidadãos empunharam armas para defender e expulsar as forças do governo das suas regiões (MERELES, 2016). A revolta na Síria faz parte de uma série de outras que ocorreram em alguns países do Oriente Médio e do norte da África que foram chamadas mais tarde de ‘Primavera Árabe’, nas quais as pessoas requeriam maior liberdade de expressão, justiça social e democracia.

2021). O conflito na Síria se insere nas chamadas ‘novas guerras, termo usado pela pesquisadora Mary Kaldor, pois envolve vários atores estatais e não estatais com seus próprios objetivos, no qual o único caminho que parece ser semelhante – a dominação de territórios (MERELES, 2016). O governo do considerado ditador Bashar Al-Assad, com o apoio do Irã, do grupo libanês Hezbollah e da Rússia buscou manter seu regime (MERELES, 2016). O Exército Livre da Síria (ELS), do qual fazem parte vários grupos sunitas que se uniram para derrubar o governo de Bashar Al-Assad, tem apoio da Arábia Saudita, Turquia e Catar, além de certo envolvimento de países europeus e dos EUA.

termo que se refere aos impérios islâmicos antigos que tinham leis rígidas. O grupo, ao perceber a oportunidade de dominar algumas regiões da Síria, começou a avançar vindo do Iraque, travando batalhas contra qualquer força militar que surgisse seja do governo, rebeldes e outros grupos paramilitares. Com a sua rápida movimentação pelo país, diversos países se uniram para destruir o grupo (MERELES, 2016).

Por fim, os curdos que contabilizam uma população entre 27 a 36 milhões de pessoas espalhadas por algumas regiões do Oriente Médio como o Irã, Síria, Turquia e Iraque, e que reivindicam a criação de um país próprio. Quando o conflito começou a Unidade de Defesa Popular foi formada com o intuito de proteger a população curda. Durante o conflito sua força aumentou e o grupo conseguiu conquistar uma grande parte do território norte da Síria próximo à Turquia. Um ponto importante é que os curdos entraram em combate contra as forças rebeldes e o Estado islâmico, e acabaram deixando as forças sírias livres para continuar a retomada gradual do território (MERELES, 2016).

A Participação do Hezbollah na Guerra Síria

O apoio fornecido pelo Hezbollah na guerra da Síria começou no início de 2012, quando ainda se levantavam suspeitas acerca do grau de envolvimento do grupo com o governo sírio. De acordo com investigações, os únicos indicadores existentes que podiam ligar o envolvimento entre ambos eram funerais de soldados do Hezbollah em território sírio, mas sem maiores informações dos fatos que precederam tais mortes (BBC NEWS BRASIL, 2013). Em um discurso aberto transmitido no dia 30 de abril de 2013, Hassan Nasrallah,



Soldados da Brigada de Zainab pró-governo Assad. Autor: Hakamraed.

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:D9%83%D8%AA%D8%A7%D8%A6%D8%A8_%D8%B2%D9%8A%D9%86%D8%A8_3.png

Nesse momento de revolta, diversos grupos e partidários contra o governo surgiram e ganharam força incluindo grupos jihadistas extremistas, muçulmanos sunitas que acreditam que a luta através da violência é necessária para destruir os obstáculos e restaurar a lei de Deus (BBC NEWS BRASIL, 2014), como o Estado Islâmico (EI), a Al-Qaeda, e outros, que se aproveitaram da situação e conquistaram um vasto território (BBC NEWS BRASIL,

A Frente Al-Nusra, uma das ramificações do grupo Al-Qaeda, também busca destituir Assad do poder. A Al-Nusra foi um dos grupos que mais conquistou território na Síria em 2016 se aproveitando das dificuldades dos sírios de combater múltiplos grupos (MERELES, 2016).

O Estado Islâmico se beneficiou do conflito na Síria para conquistar grandes faixas territoriais e as incorporar ao chamando ‘Califado’,

líder do Hezbollah, afirmou que “a Síria tem amigos verdadeiros que não a deixarão cair perante os EUA, Israel ou radicais islâmicos” apresentando uma clara declaração de ajuda para a Síria (BBC NEWS BRASIL, 2013). O governo americano estava cauteloso quanto a movimentação de um dos mais poderosos grupos militares do Oriente Médio e acusava o Hezbollah de estar envolvido com o conflito na Síria, dizendo que fariam sanções contra os líderes do Partido de Deus por conta das atividades realizadas naquele território (BEHGHANPISHEH, 2012). O Hezbollah criou uma forte base de poder na Síria que ajudava principalmente a população xiita, minoria no país. Já o governo sírio não podia recusar o apoio militar do grupo na guerra (ALI, 2019).

Hassan Nasrallah, Secretário-Geral do Hezbollah, trouxe uma justificativa diferente para o envolvimento do grupo na guerra da Síria. No dia 09 de maio de 2013, foi exposto por ele a inércia militar da Síria diante a ocupação das Colinas de Golã em oposto a rápida intervenção realizada no Líbano. Ainda de acordo com Nasrallah, o estado sírio fraco fez com que o Hezbollah e o Irã precisassem proteger seu objetivo principal que seria a resistência contra Israel. O insucesso da resistência acarretaria na “Síria cair nas mãos dos americanos e takfiri, a resistência será cercada e Israel entrará no Líbano para impor suas condições e novamente levar o Líbano para uma era israelense” (ALI, 2019, tradução nossa).

Em 19 de maio de 2013, logo após começarem os ataques preventivos contra os takfiris, muçulmanos que acusam outros muçulmanos de não serem crentes, o Hezbollah publicou abertamente uma notícia de um dos seus ataques contra a oposição síria na cidade de

Qusayr (ATRACHE, 2014; ZAHID; TAKAR, 2016). Nesse dia, as forças militares do Partido de Deus juntamente das tropas sírias formaram uma grande frente para retomar a cidade, a qual durou vinte dias e resultou em muitas perdas para o Hezbollah. O grupo passou, então, a se preocupar com a quantidade de outros grupos militares na Síria e as possíveis consequências que poderiam ser direcionadas para o Líbano (ALI, 2019). Outro papel atribuído ao Hezbollah foi ajudar o regime de Assad a reconquistar Ghouta, um distrito da capital Damasco, que só foi possível por conta do apoio da milícia altamente treinada em combates urbanos (AL ARABIYA NEWS, 2013).

A retomada da cidade de Alepo foi um marco significativo para o governo de Assad, o qual mostrou seu poder e suporte dos seus aliados. Com o auxílio da milícia do Hezbollah, em junho de 2013 a batalha que continuava em um impasse entre as forças sírias e os rebeldes teve uma reviravolta (JOHNSON, 2013). Apesar de ambos os lados da batalha sofrerem muitas baixas, em dezembro daquele ano o governo sírio assumiu o controle de 60% da cidade (JOHNSON, 2013).

No início de fevereiro de 2014, o Hezbollah enviou suas forças para as montanhas de Qalamoun, no norte de Damasco, além de liderar a captura da cidade de Yabroud, um suposto centro de transporte para carros-bomba com destino ao Líbano, tendo como alvo o próprio grupo e bairros xiitas naquele país (ATRACHE, 2014).

A Síria também recebeu ajuda da Rússia que trouxe maior poder para o governo Assad na luta contra a oposição. O Hezbollah teve papel de destaque pois seus soldados eram bem treinados, eram muito capazes em combates urbanos e suas milícias demonstravam experiência em táticas avançadas de guerrilha (ALI, 2019). A guerra em 2015 continuava conturbada, contudo, a assistência do Irã e do Hezbollah, em especial na parte financeira e de treinamento de tropas, se mostrou essencial nas vitórias que o governo teve contra os rebeldes. Ambos os apoiadores da Síria, buscaram em países como Iraque, Afeganistão e o Paquistão milícias que combateriam em troca de dinheiro. O então enviado das Nações Unidas, Staffan de Mistura, avaliou os gastos do Irã em 2015 em aproximadamente seis bilhões de dólares anuais na área militar para dar suporte ao governo sírio (ALI, 2019).



Veículo bombardeado em Aleppo. Autor: Voice of America News: Scott Bobb. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bombed_out_vehicles_Aleppo.jpg

A respeito de Aleppo, a maior cidade do país, os conflitos urbanos continuavam sem cessar, as forças sírias, milícias do Hezbollah e do Irã prosseguiram o combate na cidade já em ruínas sem conseguir dominá-la completamente. A Rússia mostrou seu apoio ao governo após bombardear múltiplas localidades da cidade que eram controladas pelos rebeldes e, de acordo com o próprio Ministro da Defesa russo, Serguei Choigu, mais de 35 mil combatentes foram mortos desde que a Rússia iniciou sua participação nos ataques (G1, 2016). O governo russo justificava sua intervenção nos assuntos da Síria como parte da proteção dos seus interesses nacionais (AGÊNCIA, 2015). A retomada total da cidade ocorreu em dezembro de 2016, quando transportes levaram civis e rebeldes para outro local, após as forças do governo e do Hezbollah conquistaram os últimos pontos de resistência da milícia anti-Assad. Essa foi considerada a maior vitória do regime de Assad desde o começo da guerra civil em 2011, causando insatisfação entre os rebeldes pois, para eles, foi uma perda especialmente na área política da revolução que conduziam no país (G1, 2016).

Israel tinha muitas preocupações acerca das ações, das aquisições de armas e do aumento das habilidades e experiências em combate do grupo xiita na Síria, tornando um possível conflito nas suas fronteiras muito mais perigoso. Além disso, o Hezbollah, desde o início da sua participação na guerra da Síria, desenvolveu sua influência entre o regime Assad e grupos apoiadores do regime, como também realizou diversos treinamentos militares para as milícias e forças sírias (JONES, 2018).

As análises realizadas pelo Centro de Estudos Estratégicos Internacionais (CSIS) mostraram

que entre 2013 e junho de 2018, Israel já tinha realizado 101 ataques aéreos e de barragem contra alvos na Síria, principalmente armazéns, comboios militares e locais contendo baterias de mísseis e artilharia que pertenciam em sua maioria ao Hezbollah. Essas ações visavam impedir que o grupo xiita e seus aliados aumentassem seu poder, o que ameaçaria Israel. Os ataques aumentaram em 2017 e 2018 devido à aproximação do Hezbollah e do Irã ao longo da tríplice fronteira entre Israel, Síria e Líbano, região próxima das Colinas de Golã (JONES, 2018).

modo de câmbio fixo com o dólar (NEVES, 2020). Esse esquema se manteve por 22 anos até que a dívida pública chegou a marca de 170% do Produto Interno Bruto (PIB), levando o valor da libra libanesa a cair 60% (NEVES, 2020). Um dos meios de arrecadação monetária do país são as exportações e o turismo, os quais sofreram perdas catastróficas em 2020. Por conta dos casos de COVID-19, o país entrou em quarentena comprometendo o turismo que representa 20% do PIB do Líbano.



Combatentes na guerra da Síria. Autor: Mohammad Reza Jofar
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Svrian_Civil_War_20160107_04.jpg

Líbano na Atualidade

O Líbano, país que era conhecido como a 'Pérola do Oriente' por sua economia e estabilidade, teve uma drástica mudança recentemente. Desde 2018, o país sofre com a crise econômica e acusações de corrupção do governo (YOUNES, 2020). O centro do problema que gerou a recessão econômica era um sistema realizado pelo Banco Central que fazia empréstimos para os bancos com taxas de juros acima do normal, e utilizavam o excedente dos juros para manter o valor da moeda em

Além disso, no dia 04 de agosto de 2020, o porto de Beirute, ponto de escoamento de suas mercadorias e base da sua economia sofreu uma explosão deixando 300 mil pessoas sem casa, cinco mil feridas e 191 mortas (YOUNES, 2020; NEVES, 2020). Com pouquíssimos meios de manter a economia em andamento, estima-se que 1/3 da população estão na extrema pobreza, podendo chegar à metade da população nesse estado, e quase 75% das pessoas precisam de algum ajuda para conseguir alimentos (YOUNES, 2020; NEVES, 2020).

Enquanto a crise assolava o Líbano, o Hezbollah permaneceu no meio da guerra civil da Síria, mesmo quando o regime sírio já não estava mais em perigo e não mostrou sinais que deixará de lutar naquele país.

reconhecimento positivo por parte de alguns países do Oriente Médio.

Como partido político, tem como foco principal em reerguer o Líbano e torná-lo um exemplo a ser seguido na luta contra a influência externa.

alguns deles, a separação entre o global, o regional e o local. Com a evolução da maneira de se fazer guerra, o termo transnacional passou a fazer parte desse processo, principalmente por conta das fronteiras não serem mais barreiras para a ação de grupos não estatais, como o Hezbollah, permitindo sua ação a até a consolidação de redes ou 'filiais' além dos seus territórios nacionais (KALDOR, 2012).



Porto de Beirute após a explosão. Autor: Mahdi Shojaeian.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Damages_after_2020_Beirut_explosions_1.jpg

O jihadismo xiita e sunita estão sendo espalhados na Síria, situação que coloca em risco o frágil equilíbrio entre as comunidades sunitas, cristãos, drusos e xiitas do Líbano que se mantêm unicamente devido ao chamado 'plano de segurança' que simboliza uma trégua entre as comunidades. A estagnação política e acordos sem sucesso na escolha de um novo Primeiro-Ministro deixaram o país à deriva, levando muitos libaneses a temerem que o governo possa direcioná-los para o fim da trégua e, conseqüentemente, a um novo conflito interno (ATRACHE, 2014).

Desse modo, o Hezbollah tornou-se um agente de grande importância no Oriente Médio. Primeiro, pela ajuda humanitária que realiza junto a população do Líbano. Ademais, ajudaram também os xiitas na Síria onde são minoria, o que gerou para o grupo o

O Hezbollah também mostrou uma evolução militar ao passar dos anos, ganhando experiência em combate, adquirindo apoiadores, admiradores por parte dos civis, respeito entre outros grupos militares e até mesmo de outros países. Além disso, mesmo sendo um ator não estatal, ele teve a capacidade de ajudar a mudar os rumos da guerra na Síria. As ações de Israel deixam clara a preocupação que o Hezbollah leva ao país e a sua segurança.

Finalmente, o grupo possui uma importante característica, a transnacionalidade que consiste na sua capacidade de atravessar as fronteiras e agir em outros territórios. As novas guerras enfatizam os atores não estatais envolvidos em conflitos com os Estados. Nesses conflitos, o tipo de envolvimento e a forma de combate estão mesclados, sendo difícil, em

1. Discente do Curso de Relações Internacionais da UNESP - Campus de Marília/SP e membro do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI).



Série Conflitos Internacionais é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília - SP.

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas nesse material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem as visões do OCI ou da UNESP.

Editor: Prof. Dr. Sérgio Luiz Cruz Aguiar

ISSN: 2359-5809

Comentários para:
 obsconflitos@gmail.com

Disponível em: www.marilia.unesp.br/#oci

Como citar: MEIRELES, Lucas Esteves de. Hezbollah: Surgimento, Conflitos e Atuação Transnacional do Grupo Libanês. In AGUIAR, Sérgio Luiz Cruz (Ed.). **Série Conflitos Internacionais**, v. 8, n. 5. Marília: OCI, 2021.

Referências

- AGÊNCIA France-Presse. Regime sírio avança na província de Aleppo e tem dificuldades em Homs. 2015. **Correio Braziliense**, 17 out. 2015. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2015/10/17/interna_mundo,502872/regime-sirio-avanca-na-provincia-de-alepo-e-tem-dificuldades-em-homs.shtml. Acesso em: 20 jun. 2021.
- GHOUTA, Hezbollah's next target in Syria? **Al Arabiya News**, 20 mai. 2020. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/News/middle-east/2013/05/28/Ghouta-Hezbollah-s-next-target-in-Syria->. Acesso em: 25 abr. 2021.
- ALI, Mohanad Hage. **Power Points Defining the Syria-Hezbollah Relationship**. Malcolm H. Kerr Carnegie Middle East Center, 2019. Disponível em: <https://carnegie-mec.org/2019/03/29/power-points-defining-syria-hezbollah-relationship-pub-78730>. Acesso em: 25 abr. 2021.
- ATRACHE, Sahar. **How Hezbollah Is Changing the War in Syria and Vice Versa**. International Crises Group, 2014. Disponível em: <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/eastern-mediterranean/syria/how-hezbollah-changing-war-syria-and-vice-versa>. Acesso em: 25 abr. 2021.
- CRECEM indícios de que Hezbollah ajuda governo sírio em conflito. **BBC News Brasil**, 02 mai. 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/05/130501_hezbollah_siria_pai. Acesso em: 25 abr. 2021.
- O que é o jihadismo? **BBC News Brasil**, 14 dez. 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141211_jihadismo_entenda_cc. Acesso em: 24 abr. 2021.
- POR que a guerra da Síria continua após 10 anos? **BBC News Brasil**, 15, mar. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56378202>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- COSTA, Renatho. Hezbollah: organização terrorista ou anseio de uma nação? In: RODRIGUES, Thiago; MARCUCCI, Cynthia (org.). **Notas Internacionais**. Desatino, 2004. p. 121-158. v. 1. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/209427377_Hezbollah_Organizacao_Terrorista_ou_Anseio_de_uma_Nacao. Acesso em: 19 abr. 2021.
- DEEK, Ghinwa El. **Mr. Blue Barrel explains the Blue line**. UNIFIL, 2012. Disponível em: <https://unifil.unmissions.org/mr-blue-barrel-explains-blue-line>. Acesso em: 22 abr. 2021.
- DEHGHANPISHEH, Babak. Hezbollah increases support for Syrian regime, U.S. and Lebanese officials say. **The Washington Post**, 2012. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/hezbollah-increases-support-for-syrian-regime-us-and-lebanese-officials-say/2012/09/26/d1970396-0591-11e2-aff-d6c7f20a83bf_story.html. Acesso em: 24 abr. 2021.
- ECKER, Franciele Salvador. **"Partido de Deus": a segurança internacional e o papel do Hezbollah no caso da segunda guerra do Líbano**. 2018. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2018. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/3759>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- Exército sírio anuncia retomada total de Aleppo. **G1**, 22 dez. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/exercito-sirio-anuncia-retomada-total-de-aleppo.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- IBRAHIM, Arwa. Profile: the popular front for the liberation of palestine. **Middle East Eye**, 13, fev. 2015. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/news/profile-popular-front-liberation-palestine>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- JOHNSON, Glen. Disillusioned Fighters Abandon Frontlines as Syria's Revolution Goes Awry. **Rûdaw**, 05 dez. 2013. Disponível em: <https://www.rudaw.net/english/middleeast/syria/05122013>. Acesso em: 20 mai. 2021.

JONES, Seth G. **The Escalating Conflict with Hezbollah in Syria**. Center for Strategic & International Studies, 2018. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/escalating-conflict-hezbollah-syria>. Acesso em: 15 set. 2021.

KALDOR, Mary. **New and Old Wars: organised violence in a global era**. 3. ed. Polity Press, 2012. Disponível em: https://d11.cuni.cz/pluginfile.php/654678/mod_resource/content/1/kaldor%20-%20old%20and%20new%20wars.pdf. Acesso em: 21 set. 2021.

KARAM, Christian da Camino. **Da revolução política ao reformismo socioeconômico: Hizballah, islamo-nacionalismo e economia de redes no Líbano do pós-guerra civil (1992-2006)**. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Econômica, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-03082011-102645/pt-br.php>. Acesso em: 17 abr. 2021.

MERELES, Carla; CEOLIN, Monalisa. **Guerra civil na Síria**. Politize, 21 out. 2016. <https://www.politize.com.br/guerra-civil-na-siria/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

NEVES, Ernesto. **Apagões, fome e suicídios: o dramático colapso econômico do Líbano**. Veja, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/apagoes-fome-e-suicidios-o-dramatico-colapso-economico-do-libano/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

ONU. **S/RES/425**. New York, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/71622>. Acesso em: 26 set. 2021.

UNITED STATES OF AMERICA. Office of The Historian. Foreign Service Institute. **Creation of Israel, 1948**. 2017. Disponível em: <https://history.state.gov/milestones>. Acesso em: 21 abr. 2021.

VIEIRA, Bruno Pastro. **Os conflitos entre o Hezbollah e o Estado de Israel: a teoria contrainsurgente na perspectiva do insurgente**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estado-Maior Para Oficiais Superiores, Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/BIMmjy>. Acesso em: 17 abr. 2021.

WINTER, Chase. **O que são as Colinas de Golã e qual a sua importância?** Deutsche Welle, 22 mar. 2019. <https://www.dw.com/pt-br/o-que-s%C3%A3o-as-colinas-de-gol%C3%A3-e-qual-a-sua-import%C3%A2ncia/a-48025078>. Acesso em: 26 abr. 2021.

YOUNES, Bruno Roque. **Líbano em chamas: a falência da pérola do Oriente Médio**. Brasil de Fato, 06 ago. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/08/06/artigo-libano-em-chamas-a-falencia-da-perola-do-orientemedio>. Acesso em: 21 jun. 2021.

ZAHID, Noor; TAKAR, Nafees. **VOA Explainer: who are takfiri extremists?** Voice of America, 22 jun. 2016. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/explainer-takfirism/3387691.html>. Acesso em: 26 abr. 2021.

